

JEAN DE LÉRY

VIAGEM À TERRA DO BRASIL

Tradução integral e notas de
SÉRGIO MILLIET

segundo a edição de
PAUL GAFFAREL

com o Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas de
PLÍNIO AYROSA

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO — EDITORA
1961

918.1
L621
WJ2

cipós retorcidos. Sentados nessas jangadas, com as pernas estendidas dirigem-nas para onde querem com um bastão chato que lhes serve de remo. Como êsses *piperis*³⁵¹ têm apenas uma braça de comprimento e dois pés mais ou menos de largura, resistem mal às tormentas e mal podem sustentar um homem. Quando o tempo está bom e os selvagens pescam separadamente, parecem de longe, tão pequenos se vêem, macacos ou melhor rãs, aquecendo-se ao sol em achas de lenha sôltas nas águas. Como essas jangadas, feitas à feição de órgãos, flutuam como pranchas grossas, penso que se as construíssemos em França teríamos um bom meio de atravessar os rios e pântanos, e lagos de águas paradas ou de fraca correnteza, diante dos quais nos vemos muitas vêzes embaraçados.

Acrescentarei ainda que quando os selvagens nos viam pescar com as rêdes que trouxéramos e a que êles chamavam *pyissa-uassú*,³⁵² mostravam-se solícitos em ajudar-nos, espantados com ver-nos apanhar tanto peixe de uma só vez. Se porventura os deixávamos manejar as rêdes, revelavam grande habilidade.

Depois que os franceses começaram a traficar com o Brasil, os selvagens colheram vantagens das mercadorias que começaram a receber. Por isso louvam os traficantes; pois outrora eram obrigados a se servir de espinhas em vez de anzóis e agora gozam das vantagens dessa bela invenção que é o anzol de ferro. Daí, como já disse, terem os rapazes dessa terra aprendido a dizer aos estrangeiros que encontram: *de agotarem amabe pindá*,³⁵³ isto é, dá-me anzóis, pois *agatorem*³⁵⁴ no seu idioma quer dizem bom, *amabe*³⁵⁵ dá-me, e *pinda*³⁵⁶ anzol. Se não lhe dão o que pedem, a canalha repete com insistência: *de angaipá ajucá*,³⁵⁷ isto é: tu não prestas, devemos matar-te.

Portanto, quem quiser ser amigo, tanto dos velhos como das crianças, nada deve negar-lhes. Verdade é que não são ingra-

(351) A jangada, segundo os vocabulários antigos no tupi da costa, era dado o nome de *Ygápéba*, isto é, canoa chata (P. A.).

(352) Léry escrevendo *puissá*, em francês, deixou bem claro que na pronúncia desse vocábulo entrava o *y*, isto é, que era *pysá* e não *pusá*, como ocorre em alguns vocabulários. *Pysá-uasú* significa rêde grande de pescar. A rêde de dormir davam o nome de *inín* (P. A.).

(353) *Nde angaturā, emeê abé pindá*, tu que és bom, dá-me também anzóis (P. A.).

(354) De acôrdo com a pronúncia francesa deve ler-se *agatoram*, próxima da verdadeira, *angaturā*, de *angatú*, alma boa, boa pessoa, homem pacífico, e sufixo *rā* (P. A.).

(355) Aqui houve engano de Léry. Supomos, pela tradução dada, que deva ser *emeê*, imperativo do *meê* ou *meéng*, dar; a terminação pode ser *abé*, também, ou *bé*, mais (P. A.).

(356) *Pindá* era o gancho, a flsca, o anzol, provavelmente de *pindó* + *á*, proveniente da *pindó*, da palmeira assim chamada (P. A.).

(357) *Nde angaipá, ajuká*: tu és mau, eu mato. Para que obtivéssemos a tradução de Léry seria necessário que a frase tupi fôsse alterada (P. A.).

tos, principalmente os velhos, pois quando menos pensamos no obséquio, êles se lembram do donativo e o retribuem com qualquer coisa.

Observei que os selvagens amam as pessoas alegres, galhofeiras e liberais, aborrecendo os taciturnos, os avaros e os neurastênicos. Posso pois assegurar aos sovinas, e aos avarentos, aos que comem dentro da gaveta, que não serão bem-vindos entre os tupinambás, porquanto detestam tal espécie de gente.